

## MANOEL DE BARROS E JACQUES DERRIDA: ENTRE POESIA E DESCONSTRUÇÃO

Ana Paula Pereira<sup>1</sup>  
Laura Christofolletti da Silva Gabriel<sup>2</sup>  
Mériti de Souza<sup>3</sup>

### Resumo

No presente artigo problematizamos o trabalho empreendido pelo poeta Manoel de Barros como um fazer poético que opera a desconstrução dos sentidos normalizados nas palavras, portanto nas percepções do mundo, dos seres e de nós mesmos. Buscamos elaborar um diálogo entre o trabalho poético com a linguagem realizado por Manoel de Barros associado à operação da desconstrução conforme proposta pelo filósofo Jacques Derrida, procurando estratégias para sustentar o lugar da diferença. Entendemos a necessidade de debater o trabalho com a linguagem como associado à produção do conhecimento, pois, no modo hegemônico de produzir conhecimento na sociedade ocidental, a leitura positivista como modelo hegemônico adota uma específica teoria sobre a linguagem como verdadeira e desqualifica outras formas de produção de conhecimento, como a poesia, por exemplo. Considerando as potências e os limites dessas duas matrizes teóricas, forjam-se análises para instigar novos horizontes a serem desenhados nas relações dinâmicas entre conhecimentos e linguagens singulares e coletivos.

**Palavras-chave:** Desconstrução. Poesia. Conhecimento. Manoel de Barros. Derrida.

## MANOEL DE BARROS AND JACQUES DERRIDA: BETWEEN POETRY AND DECONSTRUCTION

### Abstract

The article problematizes the work undertaken by the poet Manoel de Barros as a poetic act that operates the deconstruction of normalized senses in words; therefore, in the perceptions of the world, beings, and ourselves. The authors seek to elaborate dialogue between the poetic work with language carried out by Manoel de Barros associated with the deconstruction operation as proposed by the philosopher Jacques Derrida, looking for strategies to sustain the place of difference. It is possible to understand the need to problematize work with language as associated with the production of knowledge. In the hegemonic way of producing knowledge,

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Social e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-SC). Bolsista CAPES-DS; Mestra em Psicologia Cognitiva no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-PE), com bolsa CNPq. Na clínica trabalha com atendimentos literários e atendimentos psicoterapêuticos através da prática de uma clínica ateliê que articula arte e subjetividade. E-mail [app.theiss@gmail.com](mailto:app.theiss@gmail.com) ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0823-1669>

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestra em Psicologia Social e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (Bolsista CAPES). Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Tem experiência na área de Psicologia clínica, atuando em consultório particular. Principais áreas de interesse: Pesquisa em Psicologia, Psicoterapia e Psicologia Clínica, Psicoterapia Psicodinâmica, Psicologia Social, constituição subjetiva, cultura e relações de gênero. E-mail [laurapsico95@gmail.com](mailto:laurapsico95@gmail.com) ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1165-1645>

<sup>3</sup> Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Psicologia no CES - Centro de Estudos Sociais - da Universidade de Coimbra, com bolsa da Capes. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa Margens - modos de vida, família e relações de gênero - UFSC. Membro do Grupo de Pesquisa LAPCIP - Laboratório de Psicanálise, processos criativos e interações políticas - UFSC. E-mail [meritisouza@yahoo.com.br](mailto:meritisouza@yahoo.com.br) ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8157-7615>

in the Western society, the positivist reading as a hegemonic model adopts a specific theory about language as true and disqualifies other forms of knowledge production such as poetry, for example. Considering the powers and limits of these two theoretical matrices, analyses are forged to instigate new horizons to be drawn in the dynamic relationships between singular and collective knowledge and languages.

**Keywords:** Deconstruction. Poetry. Knowledge. Manoel de Barros. Derrida.

## 1 INTRODUÇÃO

Foi da leitura e discussão da desconstrução derridiana para leitoras(es) que comungam a poesia entre as fontes de pesquisa e produção de conhecimento que surgiu a motivação de ler o fazer poético e o fazer filosófico como fazeres da desconstrução, da reinvenção de outros modos de ver e ler a realidade, desconstruindo através das palavras aquilo que seria “próprio” de um signo, de uma palavra, de uma forma de percebê-la.

Manoel de Barros quando escreveu que “o sentido normal das palavras não faz bem ao poema” (BARROS, 2011) nos ofereceu elementos de como em sua poética tirar as palavras de seu “normal” é um trabalho de desconstruir as lógicas dos signos. Nesse ponto pretendemos aproximá-lo das proposições de Jacques Derrida no que diz respeito ao seu trabalho de problematizar a linguagem no que vem a ser a proposta da desconstrução como um trabalho de fazer romper binarismos hegemônicos; inverter a hierarquia dos significados, operando pela linguagem para deslocar aquilo que se compreendia como próprio de um signo. O diálogo com os poemas, fragmentos de poemas e como operam com as desconstruções será tecido em torno dessas temáticas que interseccionam o poeta e o filósofo.

Para apresentar os autores, seguimos uma pista coletada no verso escrito por Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: “Se depois que morrer quiserem escrever a minha biografia, não há nada mais simples. Tem só duas datas – a da minha nascença e da minha morte. Entre uma data e outra, todos os dias são meus” (PESSOA, 1993, p.88). É por este motivo que optamos por apresentar o poeta e o filósofo por características de suas obras.

Manoel Wenceslau Leite de Barros, o homem que esticou horizontes com as palavras nasceu em 1916 em Cuiabá, Mato Grosso e faleceu em 13 de novembro de 2014 em Campo Grande. Manoel de Barros fez uma literatura que ousou ao colocar o popular no erudito permitindo a composição de novas percepções das palavras, das coisas, dos seres, do mundo e nós mesmos. Em diversos poemas, o poeta aproveita-se do que chamou de lógica das crianças, dos idosos, dos trabalhadores ou dos ‘bocós’ (como ele os chamava) do Pantanal para escrever poesias. Manoel nomeou de uma linguagem bocó a experiência com o chão, com a natureza e com as ‘coisas pequenas’ que atravessam sua obra, na qual tudo passa a ser visto pelo avesso, inclusive as palavras. Essa linguagem faz parte do que chamou de a sua matéria-prima e seu

método de pensar problematizando o signo e produzindo invenção. “Eu queria ser lido pelas pedras” (BARROS, 2013, p.320). Nessa perspectiva recorreremos à poética do “des”, entendida como o trabalho do autor em mexer com o avesso das palavras e assim com o avesso da forma como vemos o mundo, as coisas e a nós mesmos, como um recurso de problematização do signo e do sujeito conforme posto na leitura tradicional. Localizamos nessa poética a desestabilização da referência ocidental hegemônica que atribui um sentido último e verdadeiro ao signo e a subjetividade.

Jacques Derrida (1930-2004) nasceu na Argélia em 15 de julho de 1930; estudou e lecionou em Paris como professor na Sorbonne, na École Normale Supérieure de Paris, foi Diretor de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, cidade onde faleceu em Paris em 2004. Derrida tratou nas suas obras sobre diversos temas que abrangem desde a filosofia, a literatura, a psicanálise, a política, a amizade, a escrita, entre outros. Seu trabalho envolveu uma crítica ao projeto filosófico hegemônico ocidental e como este sustenta a metafísica da presença, que na sua concepção compromete o pensamento do ocidente. Entre suas criações, a proposta da “desconstrução”, destaca-se como uma importante contribuição à diversas áreas do conhecimento, pois questiona as oposições binárias, recorrentemente estudadas na filosofia, e presentes na vida, no cotidiano, como por exemplo: bem/mal, beleza/feia, verdade/mentira, realidade/ficção, etc. A partir da desconstrução, o filósofo mostra como nestas oposições, não há uma equivalência pacífica entre os dois termos, uma vez que um deles é sempre o representante do poder, que prevalece, assim como subjuga o outro, que acaba por ocupar um lugar subalterno, sem valor, ou desconsiderado. Uma das operações da desconstrução é inverter a relação, dar maior importância para o termo reprimido e observar as consequências lógicas que daí decorrem (TELLES, 2021).

Poeta e filósofo, com percursos distantes, aproximam-se neste ensaio em que relacionamos poemas e excertos filosóficos para problematizar a desconstrução empreendida na poesia de Manoel de Barros e na filosofia de Jacques Derrida e o que elas contribuem para pensar modos de produção de conhecimento para além dos pressupostos ocidentais hegemônicos, baseadas no primado da razão e da negação do afeto. A desconstrução derridiana confronta os pressupostos da metafísica da presença entendida como a tradição filosófica que sustenta o modo de produzir conhecimento hegemônico na sociedade ocidental, lembrando que essa tradição filosófica atravessa toda a cultura ocidental, desde a Grécia antiga. Essa tradição filosófica hegemônica Derrida denomina de metafísica da presença, pois ela adota a presença como fundamento, tanto na questão do domínio do sentido na linguagem quanto na questão da preponderância da consciência. Ou seja, temos a presença a si na referência do sujeito cognoscente e a presença do sentido na referência do signo na linguagem, bem como

temos os pressupostos do *logos*, do universal e do binarismo sustentando essa metafísica (DERRIDA, 1967, 2001). Entretanto, considerando as críticas do autor à essa tradição filosófica que atravessa as áreas do conhecimento e a organização do sujeito, ele relembra que não conseguimos “sair” de forma plena desse campo metafísico, o que podemos fazer é procurar estratégias para atravessá-lo, transgredi-lo. Segundo o autor:

... mesmo nas agressões ou nas transgressões, nós utilizamo-nos de um código ao qual a metafísica está irredutivelmente ligada, de tal sorte que todo gesto transgressivo volta a nos encerrar no interior da metafísica precisamente por ela nos servir de apoio (DERRIDA, 2001, p.13).

Considerando essas questões, interessa fazer laço com a desconstrução derridiana a partir do trabalho com a linguagem e com o sujeito e dessa forma, propomos neste artigo inicialmente trazer uma leitura de alguns dos pressupostos hegemônicos no mundo ocidental que sustentam a maioria das concepções utilizadas na produção do conhecimento. Conforme apontado acima a leitura que trazemos dessas concepções se associa a proposta derridiana da desconstrução, a qual também será problematizada. De forma específica, destacamos que localizamos a concepção de linguagem que define o signo como articulado ao par oposicional significante e significado associado à sua possibilidade de representar a realidade alcançando o sentido último do conceito. Ainda, localizamos a concepção de sujeito cognoscente que define a subjetividade reduzida à consciência e ao atributo da razão que lhe possibilita conhecer de forma plena a si e ao seu entorno (PETERS, 2008; MENESES, 2013). Propomos, ainda, neste artigo, problematizar o fazer poético de Manoel de Barros como um exercício de desconstrução. Entendemos que o fazer poético opera com uma modalidade de produzir conhecimento que desconstrói o sujeito e a linguagem conforme postulados pela tradição hegemônica ocidental, produzindo deslocamentos e rupturas nesses pressupostos. Ato contínuo, o fazer poético oferece outras possibilidades de contato com a realidade e com o humano que ampliam as leituras e os sentidos a eles atribuídos, potencializando a experiência e a vida. A crítica à concepção da linguagem como signo definido como significante e significado e atravessado pelo sentido último acompanha a proposta desconstrutiva de Derrida (1967, 1971, 1991). Assim, entendemos que na relação entre a desconstrução operada respectivamente por Jacques Derrida e Manoel de Barros, encontra-se o ponto da problematização da linguagem e do sujeito no que tange a produção do conhecimento. Relembramos que para Derrida a desconstrução ocorre em todos os campos de produção do pensamento, literatura, filosofia, arte, dentre outros.

## 2 SOBRE OS PRESSUPOSTOS DA MODERNIDADE

O projeto filosófico da modernidade no mundo ocidental, na maioria das suas leituras, inundou diversas áreas da produção do conhecimento com um princípio dado como verdade, de que a mente corresponderia a um instrumento capaz de reproduzir o real, espelhando a natureza das coisas como elas são (CHAUÍ, 2000; PETERS, 2008). Para o filósofo Richard Rorty, o pensamento ocidental ao “inventar a noção de mente” como espaço interno de experiência, de reflexão como espelhamento, operou uma separação persistente entre mente e corpo. Essa separação acompanhou a tradição do conhecimento na cultura ocidental que opera a partir de binarismos que produziram os pares de oposição como natureza e cultura, sujeito e objeto, fora e dentro, dentre outros, bem como, produziu a representação de sujeito cognoscente que estruturou o projeto da epistemologia definindo o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido que se expressa na máxima “conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pela qual a mente é capaz de construir tais representações” (Rorty, 1994, p.19).

O pensamento filosófico da modernidade (dos séculos XVIII e XIX), que traçou a era da epistemologia e que inclui diversos filósofos com propostas epistemológicas divergentes entre si, não obstante apresenta alguns pontos em comum como o legado: o ser humano porta uma natureza especial, que o torna capaz de acessar o mundo, de conhecer a verdade e assim atuar moralmente seguindo valores universais (ABBAGNANO, 2000; CHAUÍ, 2000). De forma específica, podemos entender há uma epistemologia em cena que vai aos poucos fundamentar a concepção de sujeito do conhecimento, o que atravessa toda a modernidade.

Do século XVII, herdamos particularmente de Locke, a noção de uma ‘teoria do conhecimento’ baseada numa compreensão dos ‘processos mentais’. A herança continua no mesmo período com Descartes no que se refere a noção de ‘mente’ como uma entidade separada na qual ocorrem ‘processos’. No século XVIII Kant nos brinda a noção de filosofia como um tribunal da razão pura, sustentando ou negando as asserções do resto da cultura; mas essa noção Kantiana pressupunha aquiescência geral às noções lockeanas dos processos mentais e às noções cartesianas de substância mental (RORTY, 1994, p.20).

A imagem que a filosofia fundacionista manteve e mantém cativa é da mente como sendo um grande espelho, capaz de representar o mundo tal como ele é, contendo várias representações, algumas exatas outras não. O projeto fundacionista ou fundamentalista implica a existência de um sujeito cognoscente separado em mente e corpo, capaz de estabelecer entre a representação e o que é representado uma relação de correspondência. Conforme apontamos anteriormente, em que pesem divergências entre os filósofos que compõem a denominada modernidade, de forma ampla podemos situar essa época como atravessada pela concepção do sujeito cognoscente capaz de conhecer a realidade, ao outro e a si mesmo, que elabora conceitos que poderiam oferecer o acesso *a priori* do seu entorno, de si e do outro. Para Richard Rorty

(1994), essa tradição filosófica é o apogeu do pensamento platônico, configurando uma tradição epistemológica que perfaz um cânone, e pode ser entendida como uma busca exclusiva pelos fundamentos do conhecimento que sustentou o paradigma moderno.

Para Jurandir Freire Costa (2001) a hegemonia do pensamento filosófico ocidental enseja a crença de que o modo de produzir conhecimento associado a esse pensamento é único e verdadeiro, desqualificando outras modalidades de conhecer. Ele pontua que, no entanto, podemos localizar autores que criticam esses modelos hegemônicos, notadamente no que diz respeito a concepções sobre a linguagem e o sujeito. Para Freire Costa o que presenciamos é uma verdadeira revisão da tradição filosófica ocidental que se efetivou a partir de quebras com o cânone da lógica de pensamento do sujeito cognoscente restrito ao *a priori* da consciência e da razão. Questionamentos referentes aos ditos fundamentos que pertencem e legitimam o saber, levaram a conclusões diversas que defendem em comum, a ideia de que tais fundamentos não existem mais, assim como os que existiram, e se ainda existirem, são do tipo débeis ou enfraquecidos. Por quê? Pois tais fundamentos são contingenciados historicamente, na comunidade a que pertencem e na linguagem que são praticados, portanto, jamais poderiam ser considerados estabelecidos de uma vez por todas, como algum tipo de conhecimento que expressasse a essência do saber. Tais fundamentos são, assim, sempre situáveis em casos concretos, renegociáveis, e por tais motivos, faria mais sentido que se falasse em procedimentos que em fundamentos.

Na senda das críticas aos pressupostos modernos encontramos, notadamente na sociedade ocidental moderna do início do século XX, pensadores das mais diversas áreas que adentram o movimento conhecido como estruturalismo. Podemos citar o antropólogo Claude Lévi-Strauss, considerado o fundador da antropologia estruturalista, que redesenha os estudos sobre a família vigentes na época ao escrever sobre os laços de parentesco a partir do conceito de estrutura. Jean Piaget, conhecido pesquisador recorreu ao conceito de estrutura para analisar a constituição da episteme e do que possibilitava a constituição do conhecimento no ser humano. Ferdinand de Saussure é reconhecido como autor fundamental na elaboração e disseminação do estruturalismo na linguística, ao problematizar a concepção de signo e de tempo conforme expresso na diacronia e na sincronia. Ainda, Jacques Lacan, psicanalista, recorre à noção de estrutura (na primeira fase do seu trabalho), para compreender essa noção como articulada a linguagem e o inconsciente. De forma geral, o movimento estruturalista envolveu inúmeros pensadores e pesquisadores que recorreram ao conceito de estrutura para analisar os mais diversos aspectos da vida humana e da sociedade, enfatizando a crítica a concepção de sujeito e a lógica formal conforme estabelecidos nos pressupostos modernos (PETERS, 2008; CHAUI, 2000)

De forma geral, a corrente estruturalista tem reflexos sobre o pensamento antropológico, linguístico, social, matemático, psicológico, psicanalítico e a teoria literária, e teve seu ápice com o trabalho de diversos pesquisadores e autores na crítica a alguns pressupostos teóricos e epistemológicos modernos, notadamente na concepção de sujeito. Não obstante, em meados do século XX, notadamente na sociedade ocidental europeia, localizamos a mobilização do movimento denominado pós-estruturalista. Esse movimento questionou a permanência no estruturalismo de alguns pressupostos da filosofia tradicional moderna argumentando que o conceito de estrutura ainda sustentava a concepção de centro, de origem, agora deslocada do sujeito para a estrutura; bem como, ainda mantinha a concepção de linguagem que entende o signo pautado pelo binarismo significante e significado; além de sustentar a concepção da lógica formal e da representação. De forma geral, podemos dizer que o estruturalismo critica alguns pressupostos presentes na tradição moderna, porém, o pós-estruturalismo critica o que ainda se mantém dessa tradição no estruturalismo, notadamente a concepção de linguagem alicerçada no signo concebido como significante e significado; na concepção de centro, de tempo linear e de uma substância que garantiriam a origem e a permanência no tempo e no espaço de uma estrutura.

A partir do conjunto de apontamentos acima e olhando para essas questões a crítica empreendida pelo movimento pós-estruturalista desconstruiu os pressupostos da modernidade e questionou os pressupostos de verdade, da temporalidade linear e contínua, pois, esses pressupostos implicavam na concepção da história e do sujeito desde a perspectiva do desenvolvimento etapista, bem como, da teleologia, que estabelecia um fim último para o progresso histórico. Também o questionamento do sujeito como substância e agência, ou seja, do sujeito como uma identidade e uma intencionalidade que se estabilizava no espaço e no tempo.

O pós-estruturalismo, segundo Peters (2008), é um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita. Ele questiona e problematiza algumas concepções, como a de verdade absoluta, cientificidade, racionalismo, assim como os conceitos definidos em termos de dicotomias ou oposições binárias. O “pós-estruturalismo vai questionar o *status* privilegiado dessas dicotomias ao pontuar que elas não são fundacionais nem exclusivas da forma que os estruturalistas supõem que sejam” (PETERS, 2008, p. 40). Podemos citar como autores mais influentes do pós-estruturalismo Michel Foucault, Jacques Derrida, Julia Kristeva, Gilles Deleuze, Luce Irigaray, Judith Butler, ressaltando a diferença de abordagens e de perspectivas teóricas e metodológicas que eles(as) utilizam.

Derrida se situa nesse movimento denominado pós-estruturalismo e, de forma específica, elabora uma estratégia de produção de conhecimento conhecida como

desconstrução. O autor entende essa estratégia como um ato de amor, de reconhecimento, no qual se reconhece a relevância dos autores(as) que sustentam os pressupostos modernos e estruturalistas, porém, no qual também se opera a crítica à esses pressupostos. A experiência de uma “desconstrução” nunca acontece sem isso, sem amor, se preferir essa palavra” (ROUDINESCO & DERRIDA, 2004, p. 13).

Para o autor, a desconstrução é uma estratégia que objetiva problematizar os grandes pressupostos da modernidade e do estruturalismo, questionando a presença, o centro, a substância, o signo, o sujeito, dentre outros:

A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias [os diferentes nomes que utilizamos para nos referir a um centro ou fundamento estável a partir do qual possamos pensar a totalidade de uma estrutura ou mesmo da realidade em geral]. A sua forma matricial seria (...) a determinação do ser como *presença* em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (*eidós, arquê, telos, energeia, ousia* (essência, existência, substância, sujeito) *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.)” (DERRIDA, 2001, p. 231).

De forma específica, considerando a problematização da linguagem e do conhecimento que nos mobiliza nesse artigo, ressaltamos que os questionamentos postos pelo movimento pós-estruturalista se dirigiram as teorias tradicionais modernas e estruturalistas e problematizaram a compreensão saussuriana do signo como compreendido pelo elo entre significante e significado, bem como, problematizam a questão da representação como mediação ideal entre símbolo e materialidade. A partir desses questionamentos os meios e ou os métodos que são empregados para compreender e analisar a realidade, já não podem mais ficar reduzidos a teorias que adotam os pressupostos das teorias tradicionais modernas e estruturalistas, que almejam representar ou espelhar o real de forma ideal, pois, a linguagem não pode ser tratada somente em termos de um instrumento representacionista da realidade.

### **3 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO UM TRABALHO COM A LINGUAGEM EM DERRIDA**

Jaques Derrida (1991) aponta que a hipótese do inconsciente é uma das vias mais produtivas para pensarmos o sujeito para além das referências modernas, que adotam os pressupostos do *fonologocentrismo*, ou seja, da voz e da razão como origem e centro do sujeito. O autor entende que a teoria do inconsciente conforme posta na psicanálise nos conferiu a noção de que não somos uma totalidade racional, mas que somos permeados pelo enigma inconsciente que nos forma. A construção da subjetividade passa a ser realizada por este enigma que

atravessa a finitude e a sexualidade. A abordagem do inconsciente como constitutivo da subjetividade implica em profundas alterações na concepção hegemônica moderna sobre o sujeito e a linguagem. Ou seja, a própria fala diz mais do que não se sabe sobre o sujeito e seu desejo. Temos em Derrida uma teoria sobre a linguagem que desconstrói a concepção hegemônica segundo a qual ela operaria explicitando a relação entre o sujeito e a verdade representada pelo signo que teria capturado a totalidade da realidade. Também temos a desconstrução da concepção de sujeito, no caso, do sujeito cognoscente apto a conhecer de forma plena a realidade a partir da atribuição de sentido ao objeto a ser conhecido. Nessa perspectiva, o trabalho do poeta também opera no sentido de questionar o sujeito cognoscente, bem como, no sentido de questionar a concepção da linguagem que entende o signo como capaz de definir a realidade e o humano a partir da captura do sentido. Assim, temos no poeta Manoel de Barros, alguém que faz valer a função questionadora da palavra.

Possivelmente a ponte entre Derrida e Manoel de Barros, pode se associar a crítica de ambos à possibilidade de acesso pleno a verdade e ao conhecimento, via a linguagem. É possível localizar nos autores ressonâncias dessa leitura de Nietzsche, sobre a verdade, incidindo de forma explícita no trabalho com a linguagem. Relembrando Nietzsche sobre a verdade:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas e enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu de que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1983, p.57).

Podemos estabelecer algumas relações dos versos do poeta com a perspectiva da subjetividade atravessada pela hipótese do inconsciente. Manoel de Barros desenha em evidência que a palavra é comportada por um enigma. Temos o enigma do sujeito articulado ao enigma das palavras, pois, não se lida com a verdade do sujeito e tampouco com a suposta verdade do conceito, considerando que ambos são atravessados por indecíveis, por sentidos que deslizam, conforme pontua Derrida. Ainda, tanto Derrida quanto Manoel de Barros, problematizam a possibilidade da verdade como passível de ser acessada via a linguagem. Manoel de Barros escreve: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma (BARROS, 1993)”. Ao entender o pente como podendo não pentear e, até mesmo, ganhar função de uma begônia ou uma gravanha, o poeta experimentou uma poética que levou a linguagem para fora dos limites de cada signo,

deslocando os sentidos e desabrigando as palavras de seu sentido usual, do sentido normalizado ou naturalizado.

Isto é, a pedra e o pente não são apenas o que se sabe sobre eles. São metáforas, engendradas metonimicamente, em uma cadeia de significantes para além de suas sílabas. As palavras mais singelas do cotidiano tomam formas inusitadas, afetivas porque assim o são: um mais-além sobre o saber, o vazio que nos recobre enquanto sujeitos. A poesia de Manoel de Barros tem sua passagem próxima com o que nos traz a hipótese do inconsciente, e com o que nos traz a proposta da desconstrução derridiana, no sentido da problematização do sujeito cognoscente e da linguagem como atravessada pelo sentido último. Ou seja, supostamente o sujeito cognoscente poderia acessar e conhecer de forma plena e transparente o conhecimento secundado pela linguagem que operaria a representação completa da realidade e da própria subjetividade.

Derrida compreende a escrita como jogo: “o advento da escrita é o advento do jogo” (DERRIDA, 1967, p. 8) e complementa que “poderíamos denominar jogo a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onteologia e da metafísica da presença”. (DERRIDA, 1967, p. 61). Isso é amplamente discutido em *Gramatologia*, que é uma das obras tidas como principais motores disruptivos no pensamento de Derrida (1967)

[...] o problema da linguagem nunca foi apenas um problema entre outros [...] a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se (p.7).

A poesia explora a impossibilidade de uma determinação absoluta e sua potência expressa a força que revela e renova definições na língua. Uma janela é aberta, um afogado é salvo, borboletas renovam os homens, com algumas operações nas palavras. A poesia anuncia e denuncia que a palavra, o texto, comporta uma *différance*, ela não oferecerá uma verdade objetiva ou efetiva, mas outro devir.

#### 4 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO UM TRABALHO COM A LINGUAGEM EM DERRIDA

Derrida, assim como Manoel de Barros, desconstrói o pressuposto do signo que tanto relaciona palavra e coisa, bem como relaciona significante e significado. No texto “A estrutura, o signo, e o jogo no discurso das ciências humanas”, Derrida (1971) aponta que é com o conceito de signo que se abala a metafísica da presença, para ele, a significação “signo” foi

sempre compreendida e determinada, sempre com o sentido de ‘signo-de’, um significante remetendo para um significado. No entanto, Derrida propõe que não podemos nos desfazer do conceito de signo, não poderíamos renunciar a essa cordialidade metafísica sem renunciar concomitantemente a crítica que dirigimos a ela. Para ele é inevitável fazer este movimento sem correr o risco de “apagar a diferença na identidade a si de um significado reduzido em si o seu significante, ou, o que vem a dar no mesmo, expulsando-o simplesmente para fora de si” (DERRIDA, 1971, p. 232).

O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isto equivale, com todo o rigor, a destruir o conceito de “signo” e toda a sua lógica (DERRIDA, 1967, p. 16).

O conceito de *fonologocentrismo* ganha destaque na Gramatologia, obra na qual Derrida tece a crítica a *phoné* - como fala plena, como crítica ao *logos*, como razão plena- como modelos representacionais que possibilitariam o acesso à verdade do sujeito e da realidade. De forma específica, sobre a linguagem, o autor critica o modelo binário fala-escrita, em que a fala estaria numa posição hierarquizante em relação à escrita. Para Derrida (1967) o *logos* rebaixa a escritura e esta concepção organizou-se e hierarquizou-se numa história. É esse sistema de língua, para Derrida associado a uma escritura fonético-alfabética, que produziu a metafísica fonolocêntrica, e que determina o ser como presença. O estatuto da escritura, então, sempre foi suprimido pelo fonologocentrismo da época, de uma fala plena, ou seja, a história da metafísica sempre atribuiu ao *logos* e a *phoné* uma “origem da verdade”, que para Derrida, culminou no rebaixamento da escritura e seu recalçamento fora de uma suposta fala plena, concomitante a idealização da razão restrita ao sujeito cognoscente e presentificado. A desconstrução do fonologocentrismo, enquanto desmontagem metafísica simboliza a crítica externa à concepção de escrita como “representação da palavra”, que começa pela sua escuta, onde o signo apresenta uma estrutura reveladora do ser. Por meio da teoria da escrita, Derrida pretende apontar como se estabelece a anterioridade da escrita relativamente à palavra. A palavra vem a seguir. Assim será em oposição à prioridade concedida à palavra e ao som (logocentrismo e fonocentrismo). "Nunca houve para ninguém O Sujeito, eis o que eu gostaria de começar por dizer. O sujeito é uma fábula" (DERRIDA, 1992, p.279).

Conforme apontamos acima, a estratégia de trabalho com a linguagem, a desconstrução, é amplamente discutida na obra Gramatologia (1967) como um trabalho de decompor a estrutura da linguagem na qual ela é redigida. Derrida resiste às definições, trabalha com quase-conceitos. Há um movimento de gesto duplo que implica em apontar os binarismos e as

hierarquias, ao passo que faz movimentar a inversão e o deslocamento. Segundo o autor os movimentos da inversão e do deslocamento compõem o trabalho da desconstrução, sendo que opera no primeiro a crítica a ordem hierárquica posta nos binarismos e no segundo opera o deslizamento do sentido no quase-conceito, no indecível. Em outras palavras, entre dois termos oposicionais, há uma disputa pelo poder, a hierarquia de um sobre o outro. Há outros remetimentos que não estão nestes dois termos, porém com eles e a partir deles são convocados. Sair da clausura dos binarismos é um primeiro movimento desconstrutor e, ato contínuo, problematizar o signo, o conceito, diz respeito ao deslocamento, o que leva a entender que a poesia, a literatura, envolvem o trabalho da desconstrução.

Apesar de não ser possível definir em termos “fechados” o que seja a desconstrução, há uma pista, de que seja uma “prática narrativa”, sendo impossível pensar a desconstrução fora de um contexto em que o gesto desconstrutivo possa se afirmar. A desconstrução não se refere à um método de leitura e não se propõe como método, no sentido de definições e caminhos estabelecidos *a priori*. Na compreensão de Ramiro Menezes (2013) a desconstrução é antes uma abertura ao jogo livre da subjetividade arbitrária do leitor que é também um interprete. Há nesse jogo regras. O trabalho da desconstrução coloca em pauta uma “audição da palavra” assim como a possibilidade de outra elaboração da palavra. A desconstrução, segundo a posição de Menezes (2013), será um “abrir e/ou fechar a Palavra, no discurso e na linguagem e, não pode ser qualificada como uma ‘interpretação’” (MENESES, 2013, p. 181).

Não sendo um método, a estratégia da desconstrução dá pistas de alguns caminhos que permitem o trabalho com os textos de forma a buscar rastros, fazer uma leitura outra, dar outro sentido às palavras considerando a ausência de limitações metodológicas. Contudo, “A desconstrução não é uma escusa para a arbitrariedade crítica. Esta, como uma estratégia de leitura, não pode ser identificada com a hermenêutica” (MENESES, 2013, p. 181). Ainda, é possível entender a desconstrução como uma consideração sobre a dimensão virtual de qualquer significação, uma vez que não existem essências, não se trabalha com o *a priori* de impor um referente dentro de uma lógica hierarquizada (MENESES, 2013).

Uma leitura diversificada do mundo enquanto realidade, opera-se pela desconstrução. Através de um trabalho com a linguagem, o amor talvez possa expressar uma implicação com a transformação da realidade, pelo conceito da realidade. Um questionamento quanto a soberania que impõe o Outro e a Palavra. A desconstrução de uma oposição vai implicar em algum momento, o trabalho de uma inversão de hierarquias e, ato contínuo, o trabalho do deslocamento. Há nesse trabalho, portanto, uma posição de que a inversão das hierarquias dos binarismos postos nos signos, bem como, a expansão dos sentidos postos nos signos em indecíveis, opera ou operará na estrutura da linguagem e nas relações, diversos conflitos. Esse

movimento é característico da “desconstrução” e expressa uma função de “alteridade”. Para Derrida a desconstrução envolve necessariamente o reconhecimento da alteridade, do Outro que chega trazendo a sua radical alteridade, sua radical diferença.

Não há significado inerente, nem *a priori* que sustente uma palavra, um signo, o que existem são “efeitos” do jogo de “diferenças” entre significantes, segundo a perspectiva de Derrida. O signo, segundo o autor, expressa uma ausência, é uma forma vazia, que poderá ser preenchida conforme as forças de um contexto. A “différance” como o que “difere no espaço e no tempo, sendo esse deferimento a característica do signo. Este é repetível, pressupondo a ausência, a morte do emissor e do seu referente” (MENESES, 2013, p.187).

Para Derrida o contexto é sempre uma contextualização que está por ser feita, não existindo, portanto, o acabado ou pronto. O contexto consiste em um mecanismo que torna o significado indeterminado. Já o signo, para Derrida, é sobretudo, como uma “metáfora” que se dá por analogia, nunca por significado literal, nunca com sentido constante. A desconstrução é, portanto, plural e atua contra uma definição que contenha um pensamento único, uma história única. Ao mesmo tempo, a desconstrução é singular, uma vez que o gesto desconstrutivo é único e não se repete.

Pensar o fazer poético como um fazer da desconstrução, surgiu a partir da leitura da proposta da desconstrução Derridiana. Como uma singularidade de uma singularidade, temos o poeta, que desloca, dissocia, torce e contorce os sentidos últimos das palavras, muda de lugares homens com ajuda de borboletas, inverte a posição hegemônica de signos e as relações entre si. Através de um trabalho com a palavra demonstra existências singulares, mundos. O poeta produz acidentes inesperados na língua e na percepção do leitor. Na desconstrução o poeta produz o Outro a partir de si no encontro com as diferenças, como no poema: “Perdoai, mas eu preciso ser outros. Eu penso renovar os homens usando borboletas”, ou ainda: “Faz bem desexplicar tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes” (BARROS, 2002).

Torções nos termos, deslocamentos de posições, desconstrução de um sentido único atrelado ao signo e abertura ao deslizamento de sentidos que podem acompanhar os signos. Assim, a borboleta é elevada a condição de prestar ajuda ao humano, desde sua frágil, sutil, rápida existência da condição de modo de vida, para a condição de metáfora, na poesia. A singularidade do fazer poético diz de uma alteridade que radicaliza fazendo nascer através das palavras, através do poema, se não lugares novos para seres e coisas antigas, pelo menos novas posições para o olhar. A força poética aciona uma afirmação subversiva de toda soberania e dogmatismo através de articulação primeira do domínio simbólico com esse domínio indecível e enigmático da vida.

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.  
Há que se dar um gosto incasto aos termos.  
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.  
Talvez corrompê-los até a quimera.  
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.  
Não existir mais rei nem regências.  
Uma certa liberdade com a luxúria convém (BARROS, 2009, p.63).

Estreitando as relações com esse poema podemos observar que o fazer poético desconstrói por meio do que se pode chamar de corromper o sentido “normal” das palavras, das coisas, dos seres. O corromper as palavras e seus sentidos últimos até que alcancem a quimera, ou seja, que chegue ao sonho. A quimera pode ser percebida como o lugar do sonho, o lugar da imaginação em que se acessa pelo poema. Quando o poema problematiza a relação entre claro e escuro, inverte a máxima “aclarar” por “escurecer” as relações para melhor compreendê-las, fazendo assim um deslocamento no sentido “normal” de uso dos termos. Ainda, ao dispensar rei e regências, não se recorre a convenções que hierarquizam deixando sinais de que chegou a hora de inversão de hierarquias. Para estar próximo à quimera é exigido que se desconstrua o sentido habitual dos termos, é preciso romper com a ordem estabelecida pelos discursos, na língua, entre os signos, para provocar uma percepção outra e dificultar a repetição normalizada do reconhecimento entre uma palavra e seu referente.

Manoel de Barros (2013, p.322) escreveu no *Livro Sobre Nada*, “não gosto de palavra acostumada”. O poeta não gosta da repetição da lógica do comum uso das palavras e por isso, afirma coisas como “meu amanhecer vai ser de noite” (BARROS, 2012, p. 319); ou que gostaria “de ser lido pelas pedras” (BARROS, 2013, p.320). Segundo suas próprias palavras, “o que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo”. O poeta adverte para aquilo que subverte a lógica, a hierarquia que constitui as palavras e propõe inversões, tal como dar ação de leitura à uma pedra, na imaginação. Assim, através da sua escrita, desloca as palavras na sua potência, do que elas podem vir a dizer e é neste ponto que se pode amanhecer em plena escuridão da noite do mundo, ou da noite de si, e que se pode desejar ser lido, ser percebido pelas pedras no caminho experimental” da linguagem.

Desde suas proposições poéticas, se pode experimentar deslocar, desviar, desver, desler e até despalavrar a palavra. Percebemos na sua forma de fazer poesia a presença de um desfazer de algo ou de alguém para que uma diferença surja. Encontramos intercessão para colocar essa questão nas discussões da pesquisadora Cristiane Sampaio de Azevedo (2007) que afirma ser a poesia de Manoel de Barros uma poesia do “des”, uma vez que a partir do “des” opera diversas transformações na linguagem e no modo de percepção da realidade. A poética do “des” ou o trabalho da desconstrução pode ser lido, portanto, analisado a partir do trabalho com a palavra na tentativa de desinstalar o sentido último a ela agregado. Assim, Manoel de Barros escreve

sobre: “Desinventar os objetos”; “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios”; “No reino da despavbra”; “No descomeço era o verbo”.

Nesse fazer do “des” a poesia realiza pela linguagem um movimento ao avesso e desloca representações hegemônicas da realidade para que esta possa expressar outro sentido. Se trabalharmos com a ideia de remetimentos e da não localização de termos em sua origem, entendemos que também a palavra está sujeita aos remetimentos. Desse modo, deixando a palavra desamparada de ineditismo purista, localizamos aqui o movimento do deslocamento conforme proposto por Derrida na desconstrução.

Através de um trabalho pela palavra a poética do des é lavrada. Invertendo a lógica tradicional, esse verso vê o aprendizado das coisas no ato de desaprender. Sugerindo que talvez tenhamos aprendido demais um modo que já não contribui para outra percepção e atuação na realidade. Vale destacar que o termo "princípios", nos traz a questão da origem. Contudo, para o poeta, desaprender, nos possibilita alcançar as origens não como o sentido original, mas nos ensina algo anterior às palavras, a despavbra. O anterior às palavras como sendo abertura e possibilidade para um modo de funcionar das palavras não mais atreladas à verdade, ao conhecimento verdadeiro e ao sentido último.

O rastro, apagamento da presença. Vemos ainda, a possibilidade de atrelar a despavbra poética ao rastro desconstrutivo: “uma vez que o rastro não é uma presença, mas o simulacro de uma presença que se desloca, se reenvia, ele não tem propriamente lugar, o apagamento pertence a sua estrutura” (DERRIDA, 1991, p. 58).

Agora só espero a despavbra: a palavra nascida para o canto - desde os pássaros. A palavra sem pronúncia, ágrafa. Quero o som que ainda não deu liga. Quero o som gotejante das violas de cocho. A palavra que tenha um aroma ainda cego. Até antes do murmúrio. Que fosse nem um risco de voz. Que só mostrasse a cintilância dos escuros. A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem. O antesmente verbal: a despavbra mesmo (BARROS, 2009, p. 53).

Derrida questiona a possibilidade de existência do sentido original, ou seja, de que um conceito possa carregar um sentido último e de que a linguagem possa expressar a verdade transcendental. Ele opera com o conceito de escritura e critica a dissociação arbitrária entre significante e significado, bem como a leitura de que o significado seria transcendental. Para o autor o significado trabalha a partir de uma cadeia de significantes estabelecidos no jogo das diferenças e o que localizamos são os rastros desse trabalho. “Nada escapa ao movimento do significante e, em última instância, a diferença entre o significado e o significante não é nada”, diz (DERRIDA, 2004, p. 27). Nesse jogo a cadeia se estabelece nos remetimentos de um significante a outro, ou seja, o possível sentido acontece de forma indecível e na relação

estabelecida na cadeia de remetimentos entre um significante e outro, e temos aqui o quase-conceito, conforme posto pelo autor.

Podemos entender a poesia de Manoel de Barros operando com quase-conceitos que explicitam o trabalho do jogo das diferenças, pois, ele não desconstrói a aliança significante e significado, mas opera desconstruindo as premissas que sustentam essa aliança. Assim, ao lidar com a palavra como quase-conceito, os sentidos deslizam, se deslocam, deliram no jogo das diferenças. A “des”palavra de Barros se articula ao quase-conceito conforme proposto por Derrida. Ainda, Barros explicita essa questão ao escrever: “Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos”, “Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despálavra” (BARROS, 2000, p.23). Poeta do deslocamento desconstrutivista, que acompanha o rastro e põe a trabalhar a diferença e o quase-conceito.

## 5 ALGUMAS QUASE-CONCLUSÕES ...

Entendemos que o fazer poético opera com uma modalidade de produzir conhecimento que desconstrói o sujeito e a linguagem conforme postulados pela tradição hegemônica ocidental, produzindo deslocamentos e rupturas nesses pressupostos. Ato contínuo, o fazer poético oferece outras possibilidades de contato com a realidade e com o humano que ampliam as leituras e os sentidos a eles atribuídos, potencializando a experiência e a vida. A crítica à concepção da linguagem como signo definido como significante e significado e atravessado pelo sentido último acompanha o fazer filosófico posto na proposta desconstrutiva de Derrida (1967, 1971, 1991) consoante ao fazer poético de Manoel de Barros. Nossa aposta, com esse artigo, é que possivelmente, a produção do conhecimento possa se alimentar e ampliar suas possibilidades com as problematizações que o fazer poético e a desconstrução trazem para nós e para a vida.

A poesia pode operar como um acontecimento. Podemos entender o acontecimento como a emergência do novo; do que irrompe considerando o indecível do que nos chega com a alteridade e o singular. Considerando a linguagem singular e única do outro, a alteridade que acompanha a linguagem e o outro temos que a poesia tensiona os limites entre a verdade e o falso; o real e o fictício; ela desconstrói e possibilita realizar o questionamento de nós, da realidade, do outro, o que não se observa no âmbito de uma leitura tradicional.

Trabalhar com a poesia e utilizar a desconstrução como estratégia de produção de conhecimento tem configurado uma potência necessária nos momentos em que a arte no geral, música, poesia, literatura, entre outros é tida como desqualificada, relegada e por vezes, censurada. Trouxemos aqui nesse texto a possibilidade de pensar as proposições de um filósofo

e um poeta, de tempos diferentes, que produziram materiais diferentes e tiveram ocupações diferentes, mas é justamente por pensar desde as diferenças, que vemos como eles se encontram. Ambos partiram e partilham do uso das palavras para colocar o avesso do avesso do avesso em cena, para problematizar, subverter, desconstruir e agenciar novos devires de conhecimento, da linguagem e do sensível, ou seja, do perceber e do sentir.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Editorial Presença, 2000.
- AZEVEDO, C. Desutilidade poética” de Manoel de Barros - questão de poesia ou filosofia? **Revista.doc.**, ano VIII, nº3, janeiro/junho, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/139139901/a-desutilidade-poetica-em-manoel-de-barros>. Acesso em: 05 mar.2022.
- BARROS, M. **Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993.
- BARROS, M. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. 3ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.
- BARROS, M. **O guardador de águas**. 6º ed. Rio de Janeiro, Record, 2009.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- COSTA, J. F. Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise. **Revista USP**, v. 37, p. 108-119, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28341/30199>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991.
- DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, J. & ROUDINESCO, E. **De que amanhã**: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MENESES, D. B. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Universitas Philosophica**, v. 60, p. 177-204, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4555811>. Acesso em: 15 abr. 2022.

NIETZSCHE, F. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença- Uma introdução**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PESSOA, F. **Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa**. (*Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.*) Lisboa: Ática, (1993/1946) 10ª ed., 1993.

PUCHEU, A. **Intervenções na relação entre poesia e filosofia: uma fronteira desguarnecida**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. São Paulo: Relume Dumará, 1994.

TELLES, S. Uma nova biografia de Jacques Derrida. **Psychiatry on line Brasil**, vol. 26, nº 02, 2021. Disponível em:

<https://www.polbr.med.br/2021/02/01/uma-nova-biografia-de-jacques-derrida/#:~:text=Jacques%20Derrida%2C%20fil%C3%B3sofo%20judeu%20franco,o%20nome%20de%20%E2%80%9Cdesconstru%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>. Acesso em: 25 abr. 2022.

*Submetido: 20/12/2022*  
*Aceito: 02/06/2023*

